

# EXERCÍCIOS NOTURNOS

PELO TEN. CEL.

FLORIANO DE LIMA BRAYNER

## — Um ramo de instrução difícil.

As ações à noite continuam sendo na guerra moderna, o mais intenso uso, mórmente diante do desenvolvimento incessante da arma aérea, cujas atividades já não comportam restrições nas suas modalidades de emprêgo de dia ou de noite.

Todos os engenhos consagrados à Defesa Anti-Aérea, canhões ou metralhadoras, têm-se revelado impotentes para assegurar uma proteção ao menos razoável, aos objetivos terrestres, que tem sido destruídos, ou metralhados à baixa altitude.

Nessas condições, uma grande parte das operações preliminares da batalha, assim como as subsequentes, passaram a se realizar à noite, além das ações tipicamente noturnas (golpes de mão, ataques parciais, ocupação de posições, etc.).

A atividade aérea, entretanto, tem desenvolvido paralelamente as suas possibilidades de ação noturna, particularmente nas missões de bombardeio de objetivos fixos ou concentrações prèviamente reconhecidas, criando um ambiente de insegurança permanente, desde que, em proveito desta ou daquela operação, diurna ou noturna, não se tenha antecipadamente assegurado uma superioridade aérea, conjugada com uma D. C. A. eficiente.

De qualquer modo, porém, é ainda sob o manto protetor da noite, que se processam operações, cujo transcurso é, principalmente, a preservação dos efetivos e dos materiais, além das ações individuais peculiares ao serviço de

Segurança, em marcha ou no estacionamento, as ligações e transmissões, etc. . . .

Assim, é obvio que a preparação dos quadros e da tropa para as ações noturnas, deve constituir uma preocupação constante de todos os chefes responsáveis pela instrução, qualquer que seja o escalão de comando. Não é demais reiterar que essa instrução, mais do que outra qualquer, tem que ser rigorosamente objetiva e, por isso mesmo, meticolosamente preparada.

Evidentemente, sendo a noite destinada ao repouso, desde que se tome a decisão de sacrificar-lhe uma parcela de tempo em proveito da instrução, esse tempo tem que ser muito bem aproveitado, para a exploração de um limitado quadro de ensinamentos muito precisos, em cada sessão de instrução.

E' forçoso reconhecer que, apesar de muito marteladas essas verdades, os exercícios à noite, de um modo geral, se resumem às **marchas mais ou menos extensas**, por estradas conhecidas e iluminadas, para verificação do rendimento individual e, exercício dos preceitos e precauções especiais.

Ninguém ignora que, realmente, os exercícios à noite são muito onerosos, pelo desgaste que acarretam à tropa e, principalmente, pelo sacrifício que impõem aos quadros, já fisicamente trabalhados no curso da jornada. Mas, ninguém pratica a instrução por espírito esportivo, nem para encher o tempo; fácil ou difícil, penosa ou deleitante, simples ou complexa, ela constitui a própria essência da profissão das armas: a **preparação para a guerra**.

## II — Como repartir os exercícios noturnos ?

A instrução da tropa, desde a fase **individual** até o adestramento da **unidade de emprêgo** é, como tudo mais, de complicação crescente, em todos os seus ramos, de acôrdo com a diretriz básica do nosso método regulamentar: **criar reflexos simples e duradouros**. Ora, o exercício noturno, qualquer que seja êle, pela falta de visibilidade, tende para incutir no

combatent  
mesmo, de  
de si mesm  
operação,

A obs  
aquele con  
enorme es  
em detrim  
recebida.  
cepcional  
a facultad  
obscuridad

Eviden  
precisam f  
tos oriunde  
locarem pe  
cibilidade em  
tumados à  
imprescind  
impossibili

A exp  
categoria,  
curso de u  
furtarem à  
mente nos

III —

a

A inst  
difíceis, pe  
dros. Não  
sendo pecu  
seus coman

Os qu  
dêsses exer

combatente, a sensação do isolamento individual, e, por isso mesmo, deve visar, de início, o desenvolvimento do **domínio de si mesmo**, para que se possa consolidar o espírito de co-operação, em meio a êsse aparente isolamento.

A obscuridade desfigura completamente o meio, mesmo aquele com que estejamos mais identificados, exigindo um enorme esforço mental de reconstituição, a cada momento, em detrimento das preocupações preponderantes da missão recebida. Há, mesmo, a atribuição de um verdadeiro e excepcional sentido, aos indivíduos que tem mais desenvolvida a faculdade de se locomoverem e identificarem em plena obscuridade.

Evidentemente, porém, os que não o tem nesse grau, precisam fazer o seu desenvolvimento gradativo. Os conscritos oriundos dos campos, pelo hábito de trabalharem e se deslocarem pelos caminhos, sem iluminação, encontram mais facilidade em assimilar êsses ensinamentos; os da cidade, acostumados à luz artificial, custam a adquirir êsse auto-contrôle imprescindível na obscuridade, pela dificuldade, quando não impossibilidade, da ação de comando direta.

A experiência tem demonstrado que os indivíduos dessa categoria, chegam ao extremo de se despersonalizarem no curso de um exercício noturno, pela impossibilidade de se furtarem às consequências da sensação de isolamento, mórmente nos períodos de silêncio e expectativa.

### III — Quem deve ministrar a instrução? — Dificuldades a vencer.

A instrução noturna é, por todos êsses motivos, das mais difíceis, penosas e de maior responsabilidade, para os quadros. Não deve ser ministrada por "especialistas", pois, sendo peculiar a todo combatente, os instrutores devem ser os seus comandantes normais.

Os quadros precisam, em todos os escalões, participar d'êsses exercícios, acostumando-se a trabalhar e a comandar:

- ao cair da noite (transição da tarde para a noite);
- em plena noite, de meia obscuridade;
- em noites de luar (terrenos conhecidos e desconhecidos);
- em noites brumosas (terrenos conhecidos e desconhecidos).

Nenhum exercício deve ser iniciado, pela primeira vez, em plena obscuridade; o início deve ser com a aproximação da noite, de maneira a se tornar perceptível, o desaparecimento gradativo da luz natural e a transfiguração do meio, trazendo como consequências: perda da noção de dimensão, aumento de expansão e repercussão dos ruídos, visibilidade crescente dos pontos de luz artificial, modificação aparente das formas do terreno, etc..

Trata-se, portanto, de uma preparação que tem por base, sem restrições, uma instrução individual muito atenta, e que é sempre, oportuna e constantemente retomada, mesmo a título de treinamento.

#### IV — Como orientar metódicamente a instrução noturna?

Há por aí afóra uma infinidade de programas para os exercícios à noite, bem elaborados alguns, outros francamente teóricos, outros sem um encadeamento racional dos assuntos e, por isso mesmo, pouco objetivos; outros finalmente inexequíveis. De qualquer modo, porém, o exercício que mais se pratica, por ser mesmo parte das exigências dos exames do 1.º período de instrução, são as **marchas noturnas**. Executada às vezes, sob forma aleatória e com a única preocupação de cumprir o programa e treinar para os exames do fim do período, é muito comum verem-se sub-unidades completas, sob o controle de um único oficial subalterno a cavalo, desfilar por estradas iluminadas e fartamente conhecidas, sem outra prescrição que não seja ir até um determinado ponto e regressar à Caserna, depois de tantos ou quantos altos horários...

Há, entretanto, muitas outras cousas a fazer, com certa premência, dada a limitação do tempo destinado a essa instrução.

Não basta, porém, criticar. Muitos êrros são praticados com as melhores intenções, ao passo que muita gente peca por omissão, por não ter recebido uma orientação segura. A título, pois, de colaboração, tentaremos fixar os traços principais de um programa de exercícios à noite, que os executantes procurarão adaptar às suas condições particulares.

Tal como está escrito abaixo, já foi executado e alcançou resultados compensadores.

## V — PROGRAMA DE EXERCÍCIOS NOTURNOS.

### A) Instrução individual e do Grupo de Combate:

- 1.º — Orientar-se à noite, agindo isoladamente;
- 2.º — Reconhecer-se de noite, primeiro ao longo de um itinerário que já foi percorrido; depois, segundo simples direções ou indicações;
- 3.º — Observar, de noite, os movimentos de outros grupos. Contar as passagens e assinalar as direções. Redigir relatório sôbre o que concluiu.
- 4.º — Ir, de noite, reconhecer alguma cousa que seja muito visível: bosque, fazenda, aldeia, etc.. Regressar e relatar em seguida.
- 5.º — Ir, de noite, reconhecer pessoas muito visíveis; fazer o mesmo com outras menos visíveis; agir do mesmo modo, finalmente quando apenas assinaladas em tal região. Relatório.
- 6.º — Dirigir, à noite, um grupo. Referências, direções, etc... Indícios, luzes, etc...
- 7.º — Tendo examinado de dia duas sentinelas, tentar passar entre elas desapercibido, na obscuridade;
- 8.º — Exercícios de conduta silenciosa, de Grupo e de Pelotão, à noite.
- 9.º — Uso dos artificios eliminativos. Passar desapercibido sob a luz.

**B) — Instrução das unidades elementares — Operações que se fazem ao cair da noite.**

- 1.º — Remuniciamento; substituição de um sistema defensivo em posição, em zona vista pelo inimigo;
- 2.º — Ocupação e organização de um ponto do qual foi possível se aproximar de dia.
- 3.º — Retomada de contacto, à noite, com as unidades vizinhas e com as autoridades hierárquicas dos quais se esteve separado durante o dia, pela impossibilidade de circular a descoberto.
- 4.º — Verificar se um posto inimigo, assinalado de dia, a binóculo, ainda se encontra no mesmo ponto, de noite.
- 5.º — Montar e realizar um golpe de mão, à noite, depois da necessária verificação, sobre uma localidade em que estejam acantonados engenhos inimigos.

**VI — Operações que se fazem a qualquer hora.**

- 1.º — Marcha de aproximação em terreno desconhecido, na direcção de uma frente mal definida; emprêgo do azimuth de marcha; lances sucessivos; acção das vanguardas atrás das patrulhas de ponta (esc. de reconhecimento); organização do balizamento e da sinalização das estradas, pistas ou localidades. Emprêgo de sinais luminosos orientadores.
- 2.º — Ocupação de uma base de partida, na segunda parte de uma noite de luar e numa noite trevosa; realização de um dispositivo de ataque.
- 3.º — Marcha de aproximação coberta. Nas proximidades do "front" presumido: escolha de uma posição de alto guardado, simples e segura. Envio de patrulhas destinadas a reconhecer a realidade

Es  
conhec  
conta  
dem se  
que se  
inimigo

O  
gradaç  
E' muit  
unidade  
nos out  
outro, a  
vidual,  
mentar,  
são, e d  
combate  
que o le  
gioso.

Adq  
zando, s  
das, as  
tantemen  
se assegu  
elite.

Deix  
como inst  
chas notu

Há, p  
operações  
quando a  
trabalhos

da frente amiga. Em seguida, balisamento, substituição.

---

Esses exercícios devem ser executados em terrenos desconhecidos, e de dificuldade crescente. Deve-se levar em conta que a procura e identificação das tropas amigas, podem se tornar muito delicadas à noite; há casos mesmo, em que se pode, com a mesma facilidade, cair sobre elementos inimigos ou amigos.

O simples exame desse programa dá logo uma idéia da gradação dos assuntos e do vulto dos elementos a instruir. E' muito comum se fazer na tropa, a instrução à noite, já em unidades constituídas. E' um êrro, talvez mais grave do que nos outros ramos de instrução. Mais do que em qualquer outro, a instrução à noite, deve se iniciar pela instrução individual, pois, mesmo trabalhando no âmbito da unidade elementar, sob a pressão da obscuridade que lhe impede a visão, e do silêncio que lhe é imposto pelas circunstâncias, o combatente se deixa assaltar pela sensação de isolamento que o leva à hesitação e ao medo desmoralizante e contagioso.

Adquirido o hábito de raciocinar e agir à noite, utilizando, se necessário, e em condições rigorosamente indicadas, as armas de combate, essa capacidade deve ser constantemente aperfeiçoada ou, pelo menos, mantida, para que se assegure um rendimento certo para determinada tropa de elite.

Deixemos, de uma vez por tôdas, o mau vêzo de dar como instruída, a tropa que executou tantas ou quantas marchas noturnas, sem maiores preocupações. Sejamos objetivos.

Há, por exemplo, na Infantaria particularmente, certas operações que os seus soldados só podem executar à noite e, quando a atividade aérea inimiga o permite. E' o caso dos trabalhos de organização do terreno numa situação defen-

siva, sob a influência da maior ou menor proximidade do inimigo. O rendimento do trabalho, o manuseio silencioso e rápido das diversas ferramentas, o acionamento, enfim, da mão de obra, que tem igualmente a missão de defender a faixa do terreno que lhe foi confiada, são encargos pesados e de alta responsabilidade que só podem ser plenamente satisfeitos, se tiverem constituido, no tempo de paz, uma preocupação constante de todos os órgãos de comando.

Temos, pois, razões de sobra para encarecer o sentido altamente objetivo da Instrução Noturna e solicitar para essa circunstância, a atenção de todos os responsáveis pela sua realização.

## SALITRE NATURAL DO CHILE

Para agricultura e para a indústria

REPRESENTANTES

ARTUR VIANNA & CIA. LTDA.

FORNECEDORES DO MINISTERIO DA GUERRA

Firma estabelecida desde 1900

FILIAL:

RUA FLORENCIO DE ARYEU, 491  
S. PAULO

MATRIZ:

AVENIDA SANTOS DOMONT, 227  
BELO HORIZONTE

FILIAL:

AVENIDA GRAÇA ARANHA, 26 3.<sup>o</sup>  
RIO DE JANEIRO

TINTAS PARA ESCREVER - TINTAS PARA CANETA AUTOMATICA - LIQUIDO  
PARA LUSTRAR MOVEIS - TINTAS PARA CARIMBO - GOMA ARABICA LIQUIDA  
PRODUTOS « DESARTS » PARA PINTURA ARTISTICA

### Usina Nacional Industrias Químicas Ltda.

RUA BARÃO DE ITAIPÓ, 66 -- Rio de Janeiro -- Brasil

TELEFONE 38-0947 - End. Teleg. UNIC - RIO - Caixa Postal 1377

TINTA NANKIN - ESMALTES - LACRES - VERNIZES - TINTAS A OLEO - LIQUIDO E PASTA PARA POLIR METAES - OLEOS